

REQUERIMENTO Nº /2008

Requer VOTO DE APLAUSO à Sr^a VIOLETA JAFET, por ter completado 100 anos de idade, no dia 10 deste mês de fevereiro de 2008, boa parte dos quais dedicada ao Hospital Sírio-Libanês, criado por iniciativa de sua mãe e por ela posto para funcionar.

REQUEIRO, nos termos do art. 222, do Regimento Interno, e ouvido o Plenário, que seja consignado, nos Anais do Senado, VOTO DE APLAUSO à Sr^a VIOLETA JAFET, por ter completado 100 anos de idade no dia 10 deste mês de fevereiro de 2008, boa parte dos quais dedicados ao excelente Hospital Sírio-Libanês, de São Paulo, criado por iniciativa de sua mãe, Adma Jafet, e por ela posto para funcionar.

Requeiro, ainda, que o Voto de Aplauso seja levado ao conhecimento da homenageada, da sua família e da Sociedade Beneficente de Senhoras do Hospital Sírio-Libanês.

JUSTIFICATIVA

Aos 100 anos de idade, que completou no último domingo, dia 10 deste mês de fevereiro de 2008, a Sr^a Violeta Jafet continua inteiramente dedicada ao excelente Hospital Sírio-Libanês, de São Paulo, criado por iniciativa de sua mãe, Adma Jafet, e por ela posto para funcionar. A Sr^a Violeta, que é Presidente vitalícia da Sociedade Beneficente de Senhoras do Hospital Sírio-Libanês, continua indo todos os dias ao hospital. O jornal *O Estado de S.Paulo* publicou, na edição do dia 10 deste mês de fevereiro, extensa matéria sobre ela e o Hospital, que se confunde com grande parte de sua vida. Ela tinha 13 anos de idade quando sua mãe, Adma, reuniu em sua casa, em 1921, 27 mulheres da comunidade árabe, com o objetivo de criar um hospital. Foi então que surgiu a Sociedade Beneficente de Senhoras do Sírio-Libanês. Dez anos depois, a Sociedade comprou o terreno e iniciou a construção do hospital, que entretanto não pôde entrar em funcionamento, porque assim que o prédio ficou pronto, em 1941, o Governo do Estado o requisitou e nele instalou a Escola de Cadetes. A Sr^a Adma faleceu antes de ver a sua grande obra em funcionamento. A Sr^a

Violeta assumiu o lugar da mãe, conseguiu, em 1960, reaver o prédio, arrecadou dinheiro, reformou-o e finalmente inaugurou o Hospital, que desde então se confunde com a sua vida. O Hospital Sírio-Libanês, referência em oncologia, é uma das instituições médicas mais respeitadas do País, possui 300 leitos, tem três mil funcionários e atende a 580 mil pacientes por ano, orgulhando-se de ter amplo programa de filantropia. “Meus pais me ensinaram a importância de ajudar o outro”, disse a Sr^a Violeta Jafet. O Ambulatório de Pediatria Social tem 5 mil e 300 crianças inscritas e faz 18 mil e 500 atendimentos gratuitos por ano. O Hospital não faz nenhum tipo de discriminação, como enfatiza a Sr^a Violeta Jafet. Não importa a nacionalidade ou religião ou etnia do paciente. Ela foi também fundadora e a primeira vice-presidente, em 1948, da Sociedade Cedro do Líbano de Proteção à Infância e integrou o Conselho Consultivo do Museu de Arte de São Paulo. Pela valiosa contribuição que deu à medicina brasileira e pelas atividades beneficentes que desenvolveu e continua desenvolvendo com seus 100 anos de vida, conforme a reportagem, cujo texto anexo a este requerimento, a Sr^a Violeta Jafet faz jus a esta homenagem que ora proponho.

Sala das Sessões, de fevereiro de 2008

Senador ARTHUR VIRGÍLIO
Líder do PSDB

O ESTADO DE S.PAULO – 10/02/2008 – Caderno Metr pole

Um século de histórias para contar

Sírio-Libanês é a ‘casa’ de Violeta Jafet, que completa 100 anos hoje

Rodrigo Brancatelli

A aparente fragilidade e a lentidão dos movimentos de dona Violeta Jafet escondem olhos ávidos, rápidos, um bocado curiosos. Ela está simplesmente radiante, atenta a tudo e a todos - brinca, faz charme, solta gargalhadas, conta causos e mais causos de sua vida.   uma cena que se repete todo dia, toda semana, todo mês, há quase meio século. Presidente vitalícia da Sociedade Beneficente de Senhoras do Hospital Sírio-Libanês, que mant m a institui o funcionando desde a inaugura o em março de 1960, Violeta está sempre l  em sua salinha, incansável, contando histórias e batendo cartão como se fosse uma funcionária padrão.

E nada nesse mundo lhe d  mais prazer, confessa. Aos 100 anos, completados na manhã de hoje, ela ainda faz questão de passear pelos corredores do hospital, mesmo que vagorosamente, cumprimentando da mesmíssima forma com sorrisos e acenos desde o faxineiro até o mais renomado cirurg o especializado na válvula tricúspide do cora o.

“Ah, a minha vida é aqui dentro, o hospital   minha casa mesmo”, diz ela, com seus olhos curiosos, tentando entender o interesse do repórter em suas histórias. “Você quer saber da minha vida ou do hospital? Porque eu não tenho muito pra dizer não. O hospital é o que realmente importa. Isso tudo começou com uma sementinha plantada pela minha mãe, uma mulher anos-luz   frente do seu tempo. E, desde então, me dedico a esse ideal, são isso.”

Violeta tem sim muitas histórias pra contar. São o seu curriculum vitae tem 14 páginas - começa com o cargo de “fundadora e primeira vice-presidente da Sociedade Cedro do Líbano de Prote o   Infância, em 1948”, passa por “membro do conselho consultivo do Museu de Arte de São Paulo” e termina com a “medalha Ordem do Cedro do Líbano, categoria

comendador, oferecida pelo presidente do Líbano, Emile Lahoud, por serviços sociais e filantrópicos e por sua contribuição à medicina mundial com o desenvolvimento de pesquisas na área da saúde”. Mas sua vida de fato se confunde um pouco com a vida do Hospital Sírio-Libanês, um exemplo da enorme contribuição dos imigrantes para a construção de uma metrópole chamada São Paulo.

Aos 13 anos, em novembro de 1921, Violeta estava na sala de estar da sua casa no Ipiranga quando sua mãe, a libanesa Adma Jafet, reuniu outras 27 mulheres da comunidade árabe para criar um hospital. Surgia a Sociedade Beneficente de Senhoras do Sírio-Libanês, a tal semente para a construção de uma das instituições médicas mais respeitadas no País, referência em oncologia, que funciona hoje com 300 leitos, 3 mil funcionários e 580 mil pacientes por ano. Dois anos e algumas centenas de reuniões depois, foi comprado o terreno de 17 mil metros quadrados entre as ruas da Fonte e Barata Ribeiro, por 350 mil contos de réis.

No mesmo dia em que se comemoravam dez anos desde aquela primeira reunião na casa de Adma Jafet, a pedra fundamental do Sírio-Libanês foi colocada. Mas Adma não conseguiu ver seu sonho realizado. Em 1941, com a data de inauguração já marcada, o governo do Estado requisitou o prédio do hospital para instalar ali a sua Escola de Cadetes. “A minha mãe não viu o hospital pronto, infelizmente. Foi nesse ponto que a minha vida virou a do hospital”, diz Violeta, que tomou o lugar de Adma à frente da Sociedade Beneficente de Senhoras do Hospital Sírio-Libanês, conseguiu o prédio de volta em 1960 e arrecadou 500 mil cruzeiros para começar a reforma do local. “Foi uma grande emoção finalmente abrir as portas do Sírio-Libanês, talvez a maior da minha vida.”

ROCKEFELLER BRASILEIRO

Um tanto vaidosa, sempre impecável de tailleur e pérolas, dona Violeta Jafet não gosta muito de falar sobre a sua vida particular. Diz que “não tem graça”, simples assim. Quando não está pelos corredores do Sírio-Libanês, só sai de sua casa na Avenida Faria Lima para assistir a concertos e peças de teatro. “Sou apaixonada por música clássica, acordo ouvindo o rádio e sou sócia do Mozarteum”, conta, depois de muita insistência. “Eu sempre fui apaixonada por leitura, tenho uma biblioteca em casa repleta de livros franceses. Mas nesta idade já não consigo mais ler. Sinto um pouco de falta disso, mas acho que cada época tem seus prazeres. Aos 100 anos, tenho idéias novas, pensamentos novos. Aproveito cada momento do que ainda posso fazer.”

Para falar da família, por outro lado, Violeta se ajeita na cadeira e seus olhos se enchem de brilho. Sua mãe ganha sempre o aposto de “a pessoa mais maravilhosa do mundo”. A irmã Ângela, já morta, é “melhor do que eu; a mais inteligente; a mais bela; falava cinco línguas e foi uma das primeiras mulheres a andar no Zepelim”. O marido Chedid, também já falecido, é sempre o “meu amor”. Já o pai, “um líder; um estrangeiro que chegou a representar o presidente do Brasil em um evento; mais homem e mais íntegro do que qualquer outro por aí”.

Os Jafet não se limitam a batizar ruas - o clã foi uma espécie de Rockefeller brasileiro pelo seu pioneirismo na indústria têxtil. Os irmãos Benjamin, João e Basílio (pai de Violeta) não só criaram um pequeno império no bairro do Ipiranga como também construíram parques, igrejas, escolas e casas para os seus funcionários. Sem falar nas suntuosas residências, pequenos palácios construídos com requintes até hoje impressionantes. O palacete de Basílio na Rua Bom Pastor é um dos mais magníficos, com mármore Carrara, vitrais em estilo art-nouveau, pisos marchetados e uma profusão de colunas pelos seus 50 cômodos.

“Mais importante é que meus pais me ensinaram a importância de ajudar o outro”, diz Violeta, que implantou no hospital um grande programa de filantropia. Só o ambulatório de Pediatria Social do Sírio-Libanês tem 5,3 mil crianças matriculadas e faz 18,5 mil atendimentos gratuitos por ano - fora centenas de tratamentos de câncer de mama e milhares de famílias atendidas por cursos de profissionalização. “Acho que essa foi a principal lição. Não importa a nacionalidade, a religião, nada... As pessoas deveriam pensar mais na coletividade. É o que diz um provérbio árabe, anote aí: ‘eu te recebo de acordo com a sua aparência, mas me despeço de você de acordo com o seu conteúdo’. Vivi meus 100 anos de acordo com isso, e espero viver tantos outros da mesma forma.”